

MICHAEL SNOW E [AND] CARL BROWN Toronto, 1928 e [and] Toronto, 1959; vive em [lives in] Toronto e [and] [lives in] Gores Landing, Canadá *Triage* [Triagem] 2004 filme 16mm projeção dupla com som [double projection with sound] 30min música John Kamevaar

[Cristina Freire] De que trata seu filme *Triage* [Triagem] (2004)? *Triage* foi concebido como uma espécie de cadáver esquisito. Carl Brown e eu combinamos fazer um filme para duas telas, em que cada um faria um filme de 30 minutos sem saber o que o outro estava fazendo. Pedimos, também, ao músico/compositor John Kamevaar para fazer duas trilhas ópticas para os dois filmes — a que ele jamais assistiu — e a que nunca assistimos juntos até a primeira exibição de *Triage*. Ficamos impressionados. Meu filme se baseia, essencialmente, em se ter uma imagem diferente para cada quadro. Muitas partes do filme são exclusivamente de “um quadro”, mas em cada parte há um “arranjo” que exige padrões específicos. Por exemplo, alternar dois quadros com certo tipo de imagem e um quadro de outro tipo, ou seja, 1, 2, 3, 2, 1, 2, 3, 2, 1 etc., ou então um quadro único para 12 quadros, e depois dois quadros de outra imagem etc. Meu filme tem um subtítulo: *King Philip came over from Germany singing* [Rei Felipe veio da Alemanha cantando], que é uma forma mnemônica para as categorias no sistema de classificação taxonômica: reino, filo, classe, ordem, família, tribo e espécie.

Qual o foco de suas lentes, e qual a relação entre a sua parte do filme e a de Carl Brown? O filme foi feito com fotos isoladas de todos os tipos de rochas e minerais, criaturas marítimas, peixes, insetos e aranhas, cogumelos, flores, anfíbios e répteis etc., assim como tomadas de um quadro apenas de páginas de jornais, listas telefônicas, superfícies coloridas de carros, luzes da cidade à noite, materiais eróticos e cores puras. São 24 quadros por segundo de tudo. Em 2001 terminei o vídeo/filme digital *Corpus callosum*, mas para *Triage* decidi que tentaria acrescentar algo a um método puramente cinematográfico, que não é vídeo, uma foto por quadro. A minha parte da tela é de um “realismo” condensado e de alta velocidade. A parte do Carl Brown, muito embora baseada totalmente em tomadas “realistas” de um bondinho em San Francisco, passou por uma vasta gama de transformações fotoquímicas — todas com alterações “orgânicas” em cada quadro. Há muitas coincidências rítmicas e vibrantes entre as duas telas, fortes oscilações e efeitos ópticos, mas elas continuam sendo simultaneidades paralelas. O lado do Brown é um “expressionismo orgânico” exibido ao lado do meu “realismo” estroboscópico. O som é uma collage eletrônica que de maneira muito peculiar faz um contraponto entre a “abstração” do filme de Brown e o “naturalismo” rápido do meu. Há antífonas que se cruzam de um lado para o outro, e também completas divergências, por vezes resultando em quatro percepções simultâneas.

[Cristina Freire] What is your film *Triage* (2004) about? *Triage* was made as a kind of exquisite corpse. Carl Brown and I agreed to make a two-screen film wherein each of us would make a 30-minute film without knowing what the other was doing. Similarly, we asked musician/composer John Kamevaar to make two optical tracks for the two films which he never saw — which we never saw together until *Triage*'s first screening. We were impressed. My film is built fundamentally on having a different image in each frame. Many sections of the film are purely “single frame”, but each section had a “score” that called for specific patterns. For example, alternating two frames of a certain type of imagery with one frame of another kind of imagery, or 1, 2, 3, 2, 1, 2, 3, 2, 1, etc., or a single frame for twelve frames then two frames of another image, etc. I subtitled my film *King Philip came over from Germany singing*, which is a mnemonic for the categories in the scientific classification system: kingdom, phylum, class, order, family, genus and species.

What did you focus your lenses on and what is the relationship between your side of the film and Carl Brown's? The film is built on single photos of all the types of rocks and minerals, seashore creatures, fishes, insects and spiders, mushrooms, flowers, amphibians and reptiles, etc., as well as single-frame shooting of newspaper pages, phonebook pages, color surfaces of cars, city lights in the night, erotica and pure colors. It's 24 frames a second of everything. In 2001, I finished the purely digital video/film *Corpus callosum*, but for *Triage* I decided to try to add something to what is a purely cinematic nonvideo method, one photo per frame. My side of the screen is a condensed, high-speed “realism”. Carl Brown's side, though based entirely on “realistic” shooting of a San Francisco cable car, is subjected to a wide range of photochemical transformations, all of which have “organic” changes per frame. There are many vibratory, rhythmic coincidences between the two screens, powerful flickerings and optical effects, but they remain parallel simultaneities. Brown's side is an “organic expressionism” running with my strobing “realism”. The sound is an electronic collage which in its own way doubly counterpoints the “abstractedness” of Brown's film with the swift “naturalism” of mine. There are antiphonal crossovers from side to side and total divergences, sometimes making four simultaneous perceptions.